

## Ferdinand de Saussure e a constituição de um domínio de memória para a linguística moderna<sup>1</sup>

Jean-Louis Chiss<sup>2</sup>  
Christian Puech<sup>3</sup>

A memória que aqui está em questão não é a simples coleção de fatos correlacionados a uma cronologia mais ou menos complexa, nem uma cronologia dos conflitos, ritmada por rejeições e reminiscências semiconscientes ligadas ao desenvolvimento científico e sobre as quais sempre nos interessamos, mas, ao invés disso, UM TIPO DE CONSCIÊNCIA DE SI DA DISCIPLINA a ser reconhecido enquanto tal pelo historiador e cuja eficácia conviria mensurar o mais precisamente possível. Não mais que em outros domínios históricos em que a memória está em jogo, o historiador não saberia aqui desenrolar o passado de maneira linear: trata-se sobretudo de identificar e de descrever a diversidade das modalidades dos reempregos desse passado.

Desse ponto de vista, Saussure e o saussurismo bem constituem, segundo o que convém chamar de comunidade dos linguistas, ao mesmo tempo um domínio de pesquisas e um *domínio de memória* (Foucault, 1969), o objeto de investigação de viés científico, portanto discutível e passível de avaliação, e também algo como “o inestimável objeto de uma transmissão”, conforme a expressão de P. Legendre (1985). Na configuração do campo enunciativo da linguística, naquela do ensino (mas seria preciso desenvolver esse ponto de vista por ele mesmo), os enunciados saussurianos continuam a ser admitidos, explicitados, comentados e discutidos, a definir um corpo de verdades e um domínio de validade, tudo enquanto enunciados “a partir dos quais se estabelecem relações de filiação, de gênese, de transformação, de continuidade e de descontinuidade histórica” (Foucault, 1969, p. 78).

Mais quais relações mantêm, enfim, essas duas perspectivas que articulam de maneira

1 [N.T.] O texto original foi publicado no número 114 da revista *Langages*, de 1994. Agradecemos com toda a admiração aos professores Chiss e Puech por nos concederem a permissão para traduzirmos seu artigo

2 Professor emérito da Université Sorbonne Nouvelle (Paris III), suas publicações englobam temas como a história das teorias da linguagem e a didática do ensino de línguas. E-mail para contato: Jean-Louis.Chiss@sorbonne-nouvelle.fr

3 Professor da Université Sorbonne Nouvelle (Paris III) e pesquisador do laboratório Histoire des Théories Linguistiques (HTL). Suas publicações tratam principalmente da circulação dos conhecimentos linguísticos, perpassando questões históricas, epistemológicas e disciplinares. E-mail para contato: Christian.Puech@sorbonne-nouvelle.fr

indissociável estratégia de verdade explícita e reconhecida e “aura” disciplinar mais difusa mas não menos real por isso?

## 1 O patrimônio e a ciência

A ótica histórica não nos parece ganhar ao opor a produção dos conhecimentos à transmissão do patrimônio cultural do qual os saberes fazem parte, de maneira que hoje podemos ver as disciplinas históricas tentarem se alimentar metodologicamente a partir de um afinamento das abordagens do que convém entender por “memória”. Se a empreitada dos “lugares de memória” (P. Nora, 1984-1993) concerne ao nosso propósito, é menos pela caracterização dos objetos que ela reconhece como seus (um lugar de memória seria “qualquer sistema de signos, desde que ele seja portador de uma memória”, Nora, 1993b) e mais pelo interesse colocado sobre aquilo que constitui o destino cultural de um nome, de um emblema, de um tema ou de uma obra, além de sua aparição e de sua recepção primeira<sup>4</sup>.

No que concerne a Saussure, é evidente que “a era da comemoração” não se abriu só nesses últimos anos e que é desde a (primeira) constituição do texto e de sua publicação em 1916 que o ritual ambíguo da homenagem (“ambíguo”, porque não há exclusão mais radical que a exclusão pela homenagem) foi implantado, imediatamente acompanhado de questionamentos, atualizações de lacunas, propostas de superação... pelos quais a *recepção* foi transformada, insensivelmente e muito cedo, em herança<sup>5</sup>. Figura patrimonial e identitária de grandes correntes da linguística contemporânea, Saussure funcionou como “encruzilhada” em um campo ainda mais diferenciado. Com efeito, as leituras do “acontecimento discursivo” que foi a edição do *CLG* contribuíram para elaborar a memória e o horizonte disciplinar das ciências da linguagem. Contudo, sabemos bem que além da comunidade científica, é também na transmissão pedagógica e no domínio das “ideias gerais” e das transferências de conhecimento que opera tal elaboração.

A paradigmática pedagógico-universitária do *CLG* bem assinala esse duplo fato: que tantos tratados de iniciação à linguística tenham sido e ainda sejam disponibilizados alegando a

4 “A memória é largamente indiferente ao desenrolamento linear, o calendário não é sua religião. Ela distribui à sua vontade na matéria histórica, dá-se o direito de isolar tal episódio revelador, de se atrasar em nós temporais, de ignorar como resposta sequências muito longas [...]. Aquilo naturalmente não quer dizer que a memória não afeta esses conteúdos de uma data, porém esta última não tem necessidade de ser exata [...]: a memória pode dar o verniz do imemorial a uma invenção relativamente nova [...]. *Tudo isso significa que tratar o objeto histórico por lugar de memória é passar a Palavra ao presente, não como herdeiro do Passado, mas como utilizador do passado, sempre suscetível de reanimar problemáticas dormentes, de reempregar materiais enterrados. Enfim, de recompor a paisagem conforme as necessidades do momento*” (Mona Ozouf, 1993).

5 Nós tentamos, alhures e outrora, formular/esboçar o princípio de uma leitura de Saussure como: a) “leitura de leituras”, b) estratificações de problemáticas “sempre já” históricas, c) desconstrução de “estratégias de verdades” retrospectivas, isto é, de nosso interesse. (Chiss e Puech, 1987, parte II, p. 125-137).

conceitualidade saussuriana, isso mostra o lugar fundador do “pai”; que tantos artigos ou obras de linguística tenham sido e ainda sejam abertos a uma crítica da “ortodoxia saussuriana”, isso mostra a face escondida do “pai”, aquele que haveria interditado tal ou tal desenvolvimento à ciência linguística. Nesse último caso, cada um reescreve *sua* história da linguística para justificar seja o advento da sociolinguística, seja aquele da análise de discurso ou ainda aquele da teoria da enunciação. As estratégias de leitura do *CLG* desempenham, desse modo, um papel na produção teórica, emblema de uma situação, por assim dizer, “normal”, onde cada linguista se situa com relação aos outros, bem como, aliás, do próprio Saussure – ou dos editores, que haviam acreditado ser justo começar o *CLG* por uma “visão geral” sobre a história da linguística.

Contudo, vê-se bem como essas leituras “científicas” justificando as rupturas, argumentando sobre repreensões de incompletude ou de caducidade, fazendo até mesmo dos conceitos saussurianos (*língua/fala*; *sincronia/diacronia*) verdadeiros obstáculos epistemológicos, são indissociavelmente leituras “culturais” que constituem uma *tradição* que se pode discernir como sendo a genealogia dos interesses de conhecimento que impulsionam as disciplinas que tratam da linguagem e das línguas. É por isso que o olhar retrospectivo e projetivo sobre Saussure engloba os trabalhos eruditos de historiografia, superando-os, a fim de tentar avaliar a dispersão da herança através do “estruturalismo generalizado”<sup>6</sup>.

Uma simples leitura dos *Cahiers F. de Saussure (CFS)* dos últimos anos – dentre outras publicações – já atesta a amplitude e a produtividade do campo das pesquisas dedicadas a Saussure e ao saussurismo, a relação do nome próprio com seus derivados (contamos também “saussurianismo”) constituindo, aqui, precisamente o objeto de uma reflexão, se isso não é mais que uma inquietação. A obra em si – e, em primeiro lugar, o *CLG* – parece ainda estar em via de constituição, se pensamos na continuação hoje em dia da organização crítica de R. Engler (cf. Saussure, 1968 e 1974). Quanto à “bibliografia saussuriana” estabelecida pelo mesmo autor, ela não cessa de se expandir (desde os *CFS* 30, 1976), assumindo o comando da *Bibliographia Saussureana 1870-1970* estabelecida por K. Koerner (1972). Enquanto F. Gadet (1987) aponta a existência de sete traduções do *CLG*, os tradutores Y. Gazi e M. Nasr relatam, já em 1984, 13 traduções em seu prefácio à edição em língua árabe do *CLG* (Beirute, ed. Dar al-Nuzman).

Quanto à atividade filológica e documentária, aquela que consiste em fazer a história dos *textos*, de sua emergência, de suas variantes, todo o trabalho de fixação/indexação, ela

6 Quanto à história “séria” dessa generalização, falta muito para completá-la. Saussure, pai do estruturalismo: os anos 60/70 se esforçarão para fazer esquecer que, desde a publicação do *CLG*, o interesse pelas ideias saussurianas ultrapassa os limites disciplinares (cf. por exemplo a resenha de Claparède, 1917). As figuras de Cassirer, Jakobson, Lévi-Strauss e Merleau-Ponty ocupam aqui o primeiro plano da cena como *mediadores* da memória saussuriana. No que concerne ao primeiro (*Structuralism in modern linguistics*, Word 1, 1945), P. Caussat (1990) pôde mostrar o caráter paradoxal do célebre artigo que discorre sobre o estruturalismo: Saussure não figura “tanto” em tal período como o continuador de Platão, Goethe, Kant e Humboldt, ao mesmo tempo em que ele é apresentado como aquele que supostamente “ultrapassou o limite estruturalista”.

constitui uma dimensão particularmente fecunda para uma obra que não cessa de se escrever, de se reformular, de se reorganizar<sup>7</sup>. Sabemos: R. Godel (1969), T. de Mauro (1974), R. Engler (1968 e 1974), cada um redesenhou os contornos do *CLG* editado por C. Bally e A. Sechehaye em 1916 e J. Starobinski (1971) abriu o caminho para que se pense nos “dois Saussure” ao decifrar os Anagramas. Dessa forma, é de se sugerir que a empreitada científica não poderia não surtir efeito sobre as representações do autor, enquanto falta, parece-nos, a propósito de Saussure, uma verdadeira biografia intelectual capaz de esclarecer o conjunto de um itinerário semelhante, por exemplo, àquele que Y. Winkin dedicou a E. Goffman (1988). Certamente, inúmeras discussões se desenvolveram entre os especialistas de Saussure em torno do tema da “formação” do mestre (*cf.* em particular K. Koerner, 1973, 1988, 1990; H. Aarsleff, 1979; C. Normand, 1978a e 1978b): no interior da problemática da influência se opõem aqueles para quem as posições saussurianas refletem a ideologia científica da época, a sensibilidade ao “ar do tempo”<sup>8</sup> e aqueles que procuram no contato efetivo com tal “mentor”, tal instituição, tal obra, os vestígios de uma submissão direta, de um ter bebido de outra problemática.

## 2 A figura do pai e a semiologia

Faz parte da “história das ideias”, no sentido em que M. Foucault a critica em *A Arqueologia do saber* (1969), reconstituir “histórias escondidas”, procurar precursores, determinar gêneses e filiações, apontar atrasos e antecipações. Mas tudo ocorre como se Saussure representasse o paroxismo de uma concepção epifânica do desenvolvimento das ciências da linguagem. É assim que a representação do “herói teórico” se nutre desde muito tempo com os buracos da biografia de eventos, construindo uma espécie de mitologia patética cuja predominância se mantém. R. Godel abriu caminho para esse paradoxo:

quanto mais nos empenhamos para encontrar os vestígios da atividade e das preocupações de F. de Saussure, mais sua pessoa se envolve em mistério (1969, p. 35).

7 Cada “leitura” de Saussure contribui para algum aspecto mais ou menos conhecido da obra saussuriana na busca de avaliações e reavaliações polêmicas incessantes. Far-se-á o *Mémoire* jogar contra o *CLG* (*cf.* algumas resenhas quando do lançamento do *CLG*); far-se-á valer, contrariamente, uma continuidade essencial do primeiro ao segundo (relativizando com isso a novidade e a importância da obra “geral” para mostrar uma filiação ininterrupta à gramática histórica e comparada); dirigir-se-á a atenção sobre o patético de uma esquizofrenia instalada no coração do dispositivo saussuriano (os dois, três, quatro... Saussure: aquele das Fontes manuscritas, dos anagramas e da correspondência com Flournoy sobre as glossolalias, as Lendas germânicas – *cf.* Avalle, 1973, Prosdociimi, 1983, Arrivé, 1990 –, o Saussure de Leipzig, aquele de Paris ou o genebrino... etc.).

8 Enunciado significativo para, dentre tantas outras, aquelas linhas de L.-J. Calvet (1975, p. 84): “Mesmo que Saussure tenha lido Durkheim ou não, é a partir desta visão que ele pensa, uma vez que ele declara que a língua é um fato social, porque é esta a visão que prevalecia à época. Não há lugar, portanto, para surpreender-se nem para revoltar-se com o aspecto antissocial de sua teoria do signo: ela é, como sempre neste caso, um produto da ideologia do tempo.”

A atualidade editorial oferece o exemplo (por vezes caricatural) da periferia da história teleológica tomada de seus cultistas mais adeptos à dramatização:

Essas poucas frases conservam o vestígio de um desses episódios violentos e secretos dos quais a vida de Saussure oferece vários exemplos. Elas são uma ilustração bastante exata do *caso Saussure* que é também o ‘fenômeno Saussure’. O *caso Saussure* resume a vida de um estudioso austero que suas muito discretas notas (auto)biográficas mostram ser constantemente atormentado por violentos dramas secretos, ao mesmo tempo que é habitado por um entusiasmo contagiante. O *Fenômeno Saussure* registra as vicissitudes (desaparecimento e ressurgimentos) bem como a radiação agora indiscutível de uma obra que, no entanto, é talvez ainda amplamente desconhecida.

Perfeita ilustração de uma concepção devota e heróica da história da semiótica fascinada pela figura de um pai fundador (“os dramas secretos de uma vida austera”; “a imagem de um estudioso austero”; “os violentos dramas secretos”, *ibid.* p. 13-15), que esquece a maior parte do domínio (sem referência a Peirce, Morris, Buyssens, Prieto...), que lineariza o trajeto em direção ao novo pai (o Filho do Pai, aquele que poderia muito bem se tornar o Pai do Pai...):

[Greimas] se inscreve no exato prolongamento do projeto saussuriano (*op. cit.*, p. 122).

E, ainda:

Não deixa de ser verdade que é à importância e à elevação do debate teórico provocado por A. J. Greimas ao longo de toda a sua vida que a semiótica deverá ter sido ativamente definida como uma ‘teoria da significação’ (*ibid.*).

Se a semiologia concentra, desse modo, sobre si toda a intensidade da referência a Saussure (e sua ambivalência...), não é por acaso, mas devido ao caminho que a paradigmática tomou a partir dos anos 50. Quando se concluiu a recepção de Saussure, aquela que teria começado nas resenhas do *CLG* e que teria seguido, de maneira problemática na obra de linguistas isolados ou naquela de linguistas coalisados em função de interesses que ultrapassam extensivamente a pessoa e a obra do sábio genebrino, o lugar para uma “re”descoberta de Saussure se tornava livre, para além das fronteiras da disciplina e através de um certo número de personalidades-mediadoras particularmente e naturalmente sensíveis à tematização saussuriana do “semiológico”. Outros (dentre os semiólogos mais envolvidos) notaram tal fato: J.-C. Gardin, por exemplo, não hesita em publicar nos *CFS* (1987) um artigo intitulado de maneira provocadora “*Les relations troubles de la sémiologie avec la linguistique*” [“As relações conturbadas da semiologia com a linguística”]. Porque o projeto semiológico constitui o ponto de fuga (em todos os sentidos) da construção metateórica do *CLG*, porque

acima de tudo ele concentra sobre si da mesma forma as ambições diversas das disciplinas conexas, porque, enfim, o próprio *CLG* (as *Fontes manuscritas* confirmam fortemente esse ponto) cristaliza os desejos de modernização do campo intelectual inteiro além de até mesmo a ciência da linguagem (em torno da noção de *valor*, originalmente, mais do que daquela de *signo*), tem-se necessariamente um consenso ambíguo “precipitado” a propósito da figura de Saussure.

Evocando os grandes colóquios internacionais de semiologia que ocorrem desde os anos 60, o autor – prestando, de passagem, uma homenagem *em contraste* com os semiólogos suíços, a G. Redard, L. Prieto e J. B. Grize – descreve assim a situação paradoxal engendrada por uma referência implícita a Saussure congelada em uma memória quase *ritualizada*:

[...] a linguística esteve, em geral, a léguas de distância de nossos debates, apesar de certas referências estruturalistas persistentes, e [...] nenhuma a evocava de outro modo além de metafórico, retórico e acadêmico, *como para dar cabo do uso* e sem jamais fornecer qualquer exemplo de uma fecundação recíproca dos dois domínios de pesquisa *sobre o plano operatório* (*op. cit.*, p. 68).

Podemos, assim, tentar precisar esse tipo de ambivalência da referência a Saussure tendo consciência que se a semiologia ali é implicada pelas razões mencionadas acima, outros domínios o são igualmente: “Saussure” seria o nome daquele que mostra o caminho (o único caminho) sem no entanto tomá-lo ele mesmo. Referindo-se a esse nome, refere-se então a uma configuração na qual sua tutela é convocada mais como *referência simbólica* que como *recurso operatório*. Sob tais condições, J.-C. Gardin tem motivos para se perguntar:

[...] além do princípio dito estruturalista das combinações de traços distintivos que encontramos, na verdade, em todo tipo de construção científica, o semiólogo toma algo emprestado do linguista? (*ibid.*)

Podemos também ampliar a questão: essa referência paradoxal ao mesmo tempo não operatória e, entretanto, constante, não estaria aí a matriz dos “efeitos disciplinares” que ela não pôde produzir, precisamente, senão com a condição de permanecer – ao menos em parte – implícita?

Nessa perspectiva, poderíamos considerar que as problemáticas de memória da disciplina linguística estão concentradas *retrospectivamente* e muito tarde sobre uma figura emblemática, conferindo, assim, a certos discursos uma ênfase retórica constantemente realimentada pelas discussões técnicas sobre a recepção e a herança. Da auscultação do encontro com Whitney (J. Joseph, 1988) à descoberta de notas etimológicas inéditas (R. Amacker e S. Bouquet, 1988) passando por todos os problemas de tradução, de terminologia (em coreano,

por exemplo!), aqueles que tocam na introdução de Saussure em tradições culturais e nacionais em alguns momentos da história<sup>9</sup>, o leque de questionamentos e informações<sup>10</sup> que constituem a “saussurologia” é grande. Não está em questão, aqui, fornecer desse campo de pesquisas sequer um esboço de tipologia. Ele seria necessário, entretanto, para colocar em evidência essa configuração complexa de pesquisas que situa, nos limites da busca filológica, da valorização simbólica e da pesquisa operatória, o domínio de memória (um certo domínio de memória) da disciplina. Citemos, sem uma ordem precisa, uma reflexão continuada *sobre e a partir do* arsenal conceitual do *CLG* (língua/fala e diacronia/sincronia; R. Engler, 1988, e H. B. Rosen, 1986), a semiologia, as relações de outras tradições linguísticas com o saussurismo (*cf.* por exemplo em J. Joseph, 1989, e K. Koerner, 1989, a relação de Bloomfield com Saussure)... etc.

### 3 Figuras do saussurismo

O recenseamento é, aqui, impossível, mesmo que os trabalhos (supracitados) de bibliografia saussuriana<sup>11</sup> já forneçam, na organização de seus itens, algumas indicações sobre as tendências e a natureza das pesquisas. Quanto a nós, arriscaremos uma hipótese: aquela de uma relativa estabilidade da intertextualidade saussuriana que se tece desde a *edição* e a *recepção* do *CLG*.

Muito cedo, com efeito, *topoi* são estabelecidos e tudo ocorre como se para os interessados pelo “depois de Saussure” bastasse reinvesti-los de problemáticas, de interesses variados, de novos argumentários, sem esquecer a perspectiva histórica em função da rememoração legitimadora.

Esse fenômeno já é perceptível na “fonte”. A. Sechehaye faz, por exemplo, uma dupla leitura (ao menos) do *CLG*, no sentido de ele constitui-lo primeiro com Ch. Bally e depois dedicar-lhe em julho de 1917 uma resenha na *Revue philosophique*. Se pensamos, ainda, que ele dedica a Saussure sua obra de 1908 intitulada *Programme et méthodes de la linguistique*

9 *Cf.* por exemplo Cu dakova, Toddes: “A primeira tradução russa do *Cours de linguistique générale* de F. de Saussure e a atividade do círculo linguístico de Moscou. Materiais para o estudo da difusão de um livro científico nos anos 1920”, *Cahiers F. de Saussure* n. 36, 1982. Esse trabalho ilustra bem a existência de um campo de pesquisas autônomo (a “saussurologia”) bem como a problemática clássica da *recepção* compreendida aqui em termos de *continuidade direta*. Teria sido Karcevski o elo mais importante? Deveria ele ter sido quem traduziu o *CLG* como os editores genebrinos acreditaram ou fizeram acreditar? O que é que do *CLG* era conhecido, discutido, em 1923? etc.

10 Não fazemos aqui, é claro, mais que numerar temáticas recentemente aparecidas ou retomadas à luz de novas informações.

11 Adicionamos à lista K. Koerner (1972) *Contribution au débat post-saussurien sur le signe linguistique* (Mouton) [*Contribuição ao debate pós-saussuriano sobre o signo linguístico* (Ovelha)] que bem ilustra o fato de que Saussure possa servir como referência temporal em uma busca historiográfica/bibliográfica especializada, e que a biblioteca saussuriana assim concebida atingiu um grau de organização suficiente para especificar suas prateleiras em função de temáticas e de cruzamentos de temáticas. Sobre as prateleiras da biblioteca ideal, a consistência disciplinar se mede também em metros-lineares...

*théorique* (*Programa e métodos da linguística teórica*) e que ele volta ao conjunto de problemas do saussurismo nas “Três linguísticas saussurianas” em 1940, observamos sem dúvida a extensão de um interesse ou de uma dívida, mas não teríamos como esquecer que, tal como Bally, ele desenvolveu uma conceitualidade linguística que não pode, em nenhum caso, ser reduzida a um acréscimo ou a um prolongamento da obra de Saussure. De fato, Bally e Sechehaye oferecem exemplos, os primeiros, de linguistas que pensam sob a égide de Saussure mas *de outro modo*, que possuem suas orientações específicas e até mesmo inscrevem suas iniciativas em domínios de memória onde se reconhecem mais as teorias enunciativas e pragmáticas que os avatares estruturalistas do *CLG*. É preciso lembrar: os editores do Curso não foram formados na escola saussuriana, mas na Alemanha, como Saussure ele mesmo, que sem dúvida procura por conta própria libertar-se em alguma medida de tal influência (cf. P. Wunderli, 1982).

Seria preciso colocar, aqui, a questão crucial de uma eventual continuidade saussuriana em Genebra (problemática aos olhos dos próprios genebrinos) e que não é finalmente decidível senão a partir de uma definição suficientemente rigorosa do que seria uma “escola de pensamento”<sup>12</sup>. Certo é que não saberíamos conceber uma continuidade qualquer fora de alguma consideração institucional e que, ao mesmo tempo, não há certeza de que a filiação institucional de Saussure, Bally, Sechehaye, Frai (na cadeira de linguística geral de Genebra) seja suficiente para assegurar uma verdadeira continuidade conceitual *operatória*, paralela à primeira<sup>13</sup>. Apesar dos argumentos favoráveis a tal continuidade (cf. O. Amsterdamska, 1987, cap. VII e VIII), argumentos que destacam por um lado a liberdade da qual Saussure se beneficiou na Suíça onde todo o edifício universitário estava por se construir (enquanto ele já estava fechado na Alemanha pelos neogramáticos e na França pelas fortes personalidades de Bréal e Meillet), por outro lado o papel ativo dos editores do *CLG* na propagação da doutrina, a posição original da Suíça no “concerto” das nações após a Primeira Guerra Mundial, a importância dos mediadores internacionais (São Petersburgo, Moscou, Praga...), é preciso situar-se em um nível de generalização muito elevado para destacar os traços de uma homogeneidade que deriva

12 A obra de O. Amsterdamska (1987) – com a qual não estamos de acordo no que concerne à apreciação do papel de Genebra – traz um ponto de vista sociológico indispensável e estimulante, porque ela coloca frontalmente a questão do estabelecimento e do encaminhamento de uma filiação e de uma memória saussurianas em termos de continuidade institucional e conceitual. Segundo o autor, a escola saussuriana teria se constituído em Genebra (e não em Leipzig, que ignora Saussure, ou Paris, que o reconhece), uma vez que a marginalidade da universidade helvética permite a inovação. É em torno da primazia da sincronia que ela se construiria, pela vontade de distinguir-se da Alemanha...

13 Esse dossiê é rico de numerosas contribuições, precoces e “continuadas”. Citemos, dentre outros, de O. Amsterdamska (1987) e Sechehaye (1927): “L’école de linguistique générale”, *IGF*, 44, p. 217-241; “Les trois linguistiques saussuriennes”, *Vox românica*, vol. 5 (1940), p. 1-48; H. Frei: “La linguistique saussurienne à Genève depuis 1939”, *Acta linguistica*, 5, p. 54-56; R. Godel (1961): “L’école saussurienne de Genève” in *Trends in European & American Linguistics, 1930-1960*, Chr. Mohrmann A. Sommerfét e J. Whatmough, Spectrum, republicado nos *CFS* n. 38, 1984; R. Amacker: “L’influence de F. de Saussure et la linguistique d’inspiration saussurienne en Suisse 1940-1970”, *CFS* n. 30, 1976; por último, P. Wunderli: “Problèmes et résultats de la recherche saussurienne”, *CFS* n. 36, 1982.

diretamente do *CLG*.

R. Godel (1961 *op. cit.*) tenta fazê-lo, por exemplo, e tal exercício necessita de um aviso prévio que ultrapasse as simples precauções retóricas:

“Para os linguistas saussurianos, os princípios colocados no *CLG* não são dogmas [...], eles são, segundo uma expressão do próprio Saussure, ‘pontos de vista sobre a linguagem’”.

Esse relativismo perspectivista conduz à definição de uma espécie de saussurismo mínimo em cinco pontos fundamentais. A herança saussuriana considera alcançados:

- a primazia da língua sobre a fala;
- a distinção rigorosa da diacronia e da sincronia;
- a concepção de língua/sistema e instituição;
- a dupla natureza do signo;
- o arbitrário do signo e sua motivação por combinação sintagmática.

Estes cinco pontos definem o mínimo da herança, eles determinam também tarefas, um programa: desenvolver tais princípios esboçados apenas no *CLG* provando sua solidez aplicando-os a diferentes sistemas. Enfim, Godel prevê que a confrontação de Saussure aos outros sistemas de explicação da linguística seria tanto mais fecunda quanto mais se desenvolver a saussurologia científica (trata-se da edição crítica de R. Engler do *CLG*). Não poderíamos pensar que muitas empreitadas, reclamando-se explicitamente ou não de Saussure, poderiam subscrever-se àqueles princípios e àquele programa? Melhor ainda, aqueles que não se subscrevem não poderiam se subscrever porque eles fornecem igualmente o quadro a partir do qual revisões dariam à disciplina a cara que Saussure não foi capaz, de início, de dar-lhe e da qual, contudo, ele forneceu o melhor esboço.

Desde 1917, A. Sechehaye inaugura esse modo de referência ao mestre. Ao intitular sua resenha do *CLG* “Os problemas da língua à luz de uma nova teoria”, ele “reduz”, segundo seus próprios termos, primeiro, a doutrina de Saussure à posição de um certo número de teses explicitamente expostas: língua/fala, arbitrário, ponto de vista semiológico e valor. Há aí a matriz do pensamento do Saussure epistemólogo, constantemente retomado na tradição dos comentários, onde o efeito de maestria (“o mestre de Genebra”) se sustenta pelo caráter “filosófico” da obra que procuraria a “sistematização lúcida” que não se contentaria “em matéria de língua, com a ciência dos fatos”, como está dito nessa famosa resenha de 1917. Mas se Sechehaye, por sua maneira de abordar o problema das evoluções linguísticas insistindo sobre o caráter antiteleológico das mudanças em Saussure, sobre a distinção rigorosa entre fato sincrônico e fato diacrônico, coloca em evidência a importância metodológica do par *sincronia/*

*diacronia*, suas concepções pessoais o levam a tratar o ponto de vista teórico introduzido por Saussure como auxiliar da linguística histórica e da “psicologia moderna da linguagem”. Ele recusa a identificação entre linguística diacrônica e linguística da fala e, muitos anos mais tarde, ele nota que

o que faltou à classificação que propusemos foi a concepção clara da ciência da fala como laço necessário entre o conhecimento dos estados da língua e aquele das evoluções (1940, p. 219).

Desde 1908, Sechehaye havia colocado a necessidade de estabelecer uma “ciência do pregramatical”. A linguística da fala que ele reivindicará com a noção de “ato de fala” marca precisamente a ancoragem no concreto, essa “ciência dos fatos” para a crítica da qual ele havia felicitado Saussure (*cf. supra*):

A linguística da fala se interessa, ao contrário, pelos fenômenos concretos, pelos atos nos quais a língua é colocada a serviço do pensamento, com tudo o que faz de cada um deles um fenômeno ocasional diferente de não importa qual outro fenômeno. Cada um desses atos surge, com efeito, em um lugar e em um tempo determinados, entre interlocutores, tendo cada um sua personalidade, e em um conjunto de circunstâncias especiais que os determinam (A. Sechehaye, 1940, p. 152-152).

Essa “linguística da fala”, essa vontade de estudar a atividade do sujeito falante, bem sabemos que Saussure havia previsto sua emergência

em um conjunto de disciplinas que somente por sua relação com a língua têm lugar na Linguística (Saussure, 2012, p. 51 [1972, p. 37]).<sup>14</sup>

Quanto ao trajeto do outro editor, Charles Bally, ele mostra, pelo que observamos, que ele cuidou primeiro de constituir aquela linguística da fala não “completando” e “sistematizando” o *CLG* (segundo seus termos, Bally, 1964, p. 128), mas *deslocando* resolutamente o campo conceitual de Saussure. A “estilística”, inicialmente pensada por seu autor como uma “província” anexada ao domínio da língua e agora da fidelidade à distinção *língua/fala* não deve fundamentalmente nada a Saussure e figura sobretudo seu momento inicial no itinerário de Bally que leva a uma linguística psicológica com os problemas inerentes à noção do sujeito falante a uma consideração de fenômenos organizados sob o título de “enunciação” que, pela primeira vez, se enuncia como “teoria” (*cf.* Chiss e Puech, 1987, p. 193-217).

14 [N.T.] Referenciamos a tradução do Curso de linguística geral de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidiro Blikstein, publicada desde 1970 pela Editora Cultrix. Aqui, trazemos sua 28ª edição, em circulação desde 2012.

## 4 Memória e estratégias de verdade

Não seria preciso, portanto, já ver, nas tomadas de posição dos editores, a origem desses “mal entendidos” persistentes que atribuem a Saussure posteridades que não são as suas sem que por isso lhe sejam totalmente estranhas, ao ponto de constituírem escolas (aquela de Genebra) e movimentos (o estruturalismo tão “informal” quanto ele seja)? Os herdeiros ambivalentes agarram-se ao pai sob pena de “correções” levadas à leitura do *CLG* e sob pena de injunções de uma epistemologia voluntarista nutrindo, em um gesto indistinto, homenagem e/ou decepção, memória viva que entende cumprir uma tarefa ou imitar uma iniciativa, memória morta que não cessa de apontar as lacunas e as faltas (a diacronia, a fala, o sujeito, a frase... etc.).

É esse duplo movimento instalando um paradigma para do qual imediatamente distinguir-se – duplo movimento cujos dois momentos são absolutamente indissociáveis – que, além do simples mal entendido, da ilusão<sup>15</sup>, produz efeito de memória (que não é necessário confundir com um efeito de consenso) e *efeito de reconhecimento*, delimitando um campo de debates e de contradições sempre mais homogêneo do que parece e, no entanto, jamais tão unânime quanto o que se supõe ou o que se descreve. Nossa hipótese a seu propósito seria que, a igual distancia da consideração das determinações sociais da produção científica (representada aqui, por exemplo, por O. Amsterdamska) e daquela mais “clássica” das filiações das teorias e dos conceitos, esse trabalho complexo da memória oferece ao historiador o campo de estudo da constituição de uma *consciência disciplinar*.

Sem poder desenvolver aqui como se deveria, podemos retornar, para “concluir” e compreender esse duplo movimento pelo qual a disciplina se representa e, ao mesmo tempo, pensamos, se constitui como tal em um esforço da memória cuja ambivalência não é um acidente, mas uma dimensão constitutiva, a dois textos exemplares.

Em 1946, em uma comunicação durante uma sessão do Círculo Linguístico de Copenhague, K. Togeby esforçava-se para repensar “O desenvolvimento da linguística moderna comparada àquele das belas letras”<sup>16</sup>. Tratava-se, da Idade Média à época contemporânea, passando pelos tempos modernos, de mostrar o paralelo entre os movimentos literários e as “representações” da língua. É o ano 1930 que, nessa longa cronologia, permite fazer ultrapassar um limite decisivo às ciências da linguagem. Inaugurando sem dúvidas uma retórica da ruptura prometida a um longo devir no que concerne a Saussure e ao *CLG*, Togeby, nos termos que ele mesmo utilizou na ocasião, assim descreve esse salto:

A partir de 1930, aproximadamente, retornamos, em linguística como em literatura, ao

<sup>15</sup> ... da “miragem”, segundo a visão finalmente simples demais e tão confortável de T. Pavel (1991).

<sup>16</sup> Trata-se da sessão de 19/09/1946. *Bulletin du Cercle Linguistique de Copenhague*, 1941-65 (1970).

ponto de vista da totalidade e da estrutura, abandonado desde a Idade Média. Vemos criarem-se ao menos seis grupos ou escolas de linguistas em que *todos se inspiram em Ferdinand de Saussure*, o qual, vivendo em pleno período de psicologismo, elaborou teorias muito à frente de seu tempo: a distinção da língua e da fala, da sincronia e da diacronia, a teoria das oposições sistemáticas (1970, p. 41).

O que segue a essa referência ao fundador não é nem mais nem menos que a enumeração das “escolas” “vindas” de Saussure, mas *colocadas em relações unívocas com as sub-disciplinas da linguística*, de sorte que a figura de Saussure parece ter, portanto, por principal função garantir (mais simbolicamente que com ação, de maneira operatória) sua *unidade*, bem como seguir uma filiação.

À Escola de Paris dá-se o mérito de ilustrar o princípio saussuriano da língua-fato social (Meillet, Sommerfelt, Vendryès) e de fazer prosperar a fonética geral (Grammont); em Genebra, aquele de tratar das “questões abstratas da gramática” (Sechehaye; Bally não entra de fato no quadro...); em Praga, a invenção da fonologia (Trubetzkoy e Jakobson); aos “neorromânticos” alemães (Weisberger e Porzig), o estudo dos sistemas de significação; à Escola behaviorista americana (Bloomfield), a ilustração de que a língua é um sistema; a Copenhague, enfim (Brøndal e Hjelmslev), o mérito – que não está, sem dúvida, no mesmo plano que os outros, porque ele encerra, de alguma forma, a história (“à semelhança da Idade Média”), o mérito de separar os universais das formas linguísticas e de considerar os sistemas linguísticos como “tentativas de interpretação”.

Apesar de seu teleologismo evidente, que não nos interessa aqui (todo esforço de memória é seletivo e direcionado), o que chama atenção nessa apresentação das coisas é a mistura entre um ponto de vista diacrônico que situa a modernidade em uma perspectiva a longuíssimo termo, e uma abordagem sincrônica que procura pela evidência que legitimaria a *unidade* da disciplina (para além de toda divergência de escola e em um movimento de filiação “pura”) por um certo *agenciamento da memória* no qual Saussure pode figurar como origem absoluta, legitimação última do conjunto, garantia de sua unidade.

Esse tipo de operação discursiva, que aqui consideramos como matriz da “referência a Saussure” e de sua função simbólica, encontra-se frequentemente entre os linguistas mais influentes do século, uma vez que se trata de realizar a “superação por assimilação” que mencionamos acima. A filiação não é mais, então, completamente linear e, de outro modo, mas com o mesmo sentido geral, trata-se de se determinar com relação a um suposto consenso que consagramos no mesmo momento de rompê-lo. A discussão da concepção saussuriana do arbitrário por É. Benveniste forneceria um exemplo famoso (1939-1966)<sup>17</sup> desse fenômeno,

<sup>17</sup> Para além do “caso” Benveniste e sobre o mesmo assunto, poderíamos acompanhar tais variações da memória do saussurismo examinando sistematicamente a bibliografia fornecida por E. F. K. Koerner (1972).

mas é talvez em Jakobson que encontraríamos mais puramente esse protótipo da referência como *integração crítica criadora de um alicerce de memória homogêneo* comum, que permite melhor adaptar-se e superar desafios, pois é garantida a sua solidez. Nos anos 40<sup>18</sup> (no momento da redação das *Seis lições sobre o som e o sentido*), Jakobson redige para conferências um texto intitulado “A teoria saussuriana em retrospecto”. Seu comentário, que não podemos reproduzir aqui, colocaria inevitavelmente em evidência, para além de uma perspectiva história a longo termo, uma discussão dos *topoi* saussurianos cujas problemáticas de conhecimento bastante reais são constantemente quase que “duplicadas” pelas considerações ligadas à própria consistência da disciplina e, sobretudo, à possibilidade de dela fornecer uma representação plausível – problema contínuo de Jakobson ao longo de toda sua carreira.

É que a questão da memória do saussurismo (do saussurismo como *memória*, igualmente aceitável), ultrapassa constantemente os – já – vastos limites da “introdução” e da “recepção” de uma teoria científica pela qual a *operatividade* das aplicações e das transferências, quão complexas e sujeitas a exames retrospectivos elas sejam, fornecem um critério seguro ao historiador ligado às gêneses, lineares ou não, de conceitos. A propósito da “*Introdução do darwinismo na França*”, questionando e revisando minuciosamente os critérios possíveis permitindo medir o após dos efeitos da publicação de uma teoria científica (traduções, influências, avatares da institucionalização<sup>19</sup>, “ar do tempo”...), as diferentes formas e graus que ela pôde tomar (interpolação, inclusão, integração), Y. Conry podia concluir:

*Se introduzir é sinônimo de injetar conceitos, e isso fora de seu próprio domínio, então introduziu-se o darwinismo na França porque a psicologia vai se lhe referir, porque a linguística apropriou-se de alguma noção darwinista. Entretanto, essa abstração de conceitos não constitui de forma alguma uma transferência de operatórios no campo análogo ao seu, a saber a teoria da evolução, menos ainda uma adesão à etiologia dessa evolução (1974, p. 44; grifos nossos).*

Bem poderíamos fazer a mesma pergunta a propósito do *CLG*, e é o que fazemos a cada vez que procuramos dar à linguística saussuriana o papel de uma teoria fundadora<sup>20</sup> em seu domínio de origem e além dele. Tal iniciativa indispensável, que se instala de corpo inteiro na *objetividade* das teorias (seu caráter operatório, julgado no tribunal da história epistemológica e institucional), não deixaria, contudo, de lado uma dimensão *subjetiva* maior do desenvolvimento:

18 Linda Waugh distingue quatro etapas na geração da teoria fonológica de Jakobson. Ela situa na segunda fase a redação desse manuscrito publicado no tomo VII dos *Selected Writings*.

19 “Assim, uma vez que se torna necessário perguntar-se se o Império entravou a admissão da teoria darwinista, em contraste com aquela que a Restauração republicana permitirá, torna-se ao mesmo tempo impossível de decidir com um rigor suficiente para ser fecundo” (1974, p. 20). O primeiro capítulo da obra é inteiramente dedicado a um exame da problemática da “introdução”.

20 É o que faz P. Wunderli (1982) em seu relatório/balanço “Problèmes et résultats de la recherche saussurienne”. (*op. cit.*).

aquela pela qual elas se comunicam necessariamente com o campo mais vasto da cultura onde elas devem situar-se reflexivamente e fazer-se admitir? Porque

As obras cognitivas não podem colocar-se a si mesmas como insignificantes ou arbitrarias ou puramente diferentes ou simplesmente originais: elas devem mostrar sua conexão ou sua lacuna para fazer com que se compartilhe o que elas comportam (J. Schlanger, 1983, p. 219).

Na mesma medida, o *CLG*, obra póstuma e lacunar (alguns dizem apócrifa), não teria ele fornecido à disciplina que ele renovava em parte no longo prazo os contornos de memória que lhe eram indispensáveis para que se representasse sua existência, sua unidade e a ele se aderisse? Com efeito,

[no caso das construções do saber], o erro intelectual e o erro racional são possibilidades que se somam ao que podemos nomear de erro poético. Essa fragilidade suplementar torna muito importante *a questão do consentimento*” (J. Schlanger, *ibid.*; grifos nossos).

Amanda Eloina Scherer<sup>21</sup>

Erick de Queiroz Brittes<sup>22</sup>

## Referências bibliográficas

AARSLEFF, H. Bréal vs. Schleicher: Linguistics and Philology during the Latter Half of the Nineteenth Century. In: HOENIGSWALD, H. M. (org.) **European Background of American Linguistics**. Papers of the Third Golden Anniversary Symposium of the Linguistic Society of America. Berlim-Nova Iorque: De Gruyter Mouton, 1979.

AMACKER, A. L'influence de F. de Saussure et la linguistique d'inspiration saussurienne en Suisse (1940-1970). **Cahiers Ferdinand de Saussure**, n. 30, p. 71-96, 1976.

AMACKER, R.; BOUQUET, S. Dix-huit notes étymologiques inédites de Ferdinand de Saussure. **Cahiers Ferdinand de Saussure**, n. 42, p. 215-244, 1988.

AMACKER, R.; ENGLER, R. (org.). **Présence de Saussure**. Actes du colloque international de Genève (21-23 mars 1988). Genebra: Droz, 1990.

AMSTERDAMSKA, O. **Schools of thought: The development of Linguistics from Bopp to Saussure**. Dordrecht: Reidel, 1987.

ARRIVÉ, M. Saussure : le temps et la symbolisation. In: LIVER, R.; WERLEN, I.; WUNDERLI, P. **Sprachtheorie und Theorie der Sprachwissenschaft: Geschichte und Perspektiven**.

21 Professora Titular do Departamento de Letras Clássicas e Linguística da Universidade Federal de Santa Maria (DLCL/CAL/UFSM), atua na Graduação e na Pós-Graduação em Letras da mesma instituição. E-mail para contato: amanda.scherer@gmail.com

22 Graduado em Letras - Licenciatura em Língua Portuguesa pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). E-mail para contato: queirozerickbrittes@gmail.com

- Festschrift für Rudolf Engler zum 60. Geburtstag. Tübingen: Gunter Narr Verlag, 1990.
- AVALLE, d'A. S. La sémiologie de la narrativité chez Saussure. In: BOUAZIS, C. (org.) **Essais sur la théorie du texte**. Paris: Presses Universitaires de France, 1973.
- BALLY, C. **Linguistique générale et linguistique française**. Paris: E. Leroux, 1932-1964.
- BENVENISTE, É. Nature du signe linguistique. In: **Problèmes de linguistique générale**. Paris, Gallimard, 1966 [1939].
- CALVET, L. J. **Pour et contre Saussure**. Paris: Payot, 1975.
- CAPT-ARTAUD, M. C. Rhétorique et poétique: une distinction fondée sur la linguistique saussurienne. **Cahiers Ferdinand de Saussure**, n. 43, p. 25-42, 1989.
- CAUSSAT, P. Entre Humboldt et le structuralisme, la philosophie du langage d'E. Cassirer. In: SEIDENGART, J. (org.). **Ernst Cassirer: De Marbourg à New-York**. Paris: Cerf, 1990.
- CHISS, J. L. Les lectures du Cours de linguistique générale. In: NORMAND, C. et al. **Avant Saussure: choix de textes (1875-1924)**. Bruxelles: Éditions Complexe, 1978.
- CHISS, J.-L.; PUECH, C. **Fondations de la linguistique: Études d'histoire et d'épistémologie**. 2 ed. Louvain-la-Neuve: Duculot, 1997.
- CHISS, J. L.; PUECH, Chr. Signe et langue: idée, projet, point de vue sémiologiques. **Langages**, n. 107, p. 6-27, 1992.
- CLAPARÈDE, E. « Cours de Linguistique », Compte-rendu. **Archives de psychologie**, n. 16, Geneva, 1917.
- CONRY, Y. **L'introduction du darwinisme en France au XXe siècle**. Paris: Vrin, 1974.
- DE MAURO, T. La linguistica generale di R. Godel. **Cahiers Ferdinand de Saussure**, n. 38, p. 19-27, 1984.
- FOUCAULT, M. **L'archéologie du savoir**. Paris: Gallimard, 1969.
- FREI, H. Suisse: La linguistique saussurienne à Genève depuis 1939. **Acta linguistica**, v. 5, p. 54-56, 1945.
- GADET, F. **Saussure: une science de la langue**. Paris: Presses Universitaires de France, 1987.
- GADET, F. Après Saussure. **DRLAV**, n. 40, p. 1-40, 1989.
- GAMBARARA, E. Diachronie et sémiologie. **Cahiers Ferdinand de Saussure**, n. 45, p. 183-199, 1991.
- GARDIN, J. C. Les rapports troubles de la sémiologie avec la linguistique. **Cahiers Ferdinand de Saussure**, n. 41, p. 65-74, 1987.
- GODEL, R. L'école saussurienne de Genève. In: MOHRMANN, C. et al. (org.). **Trends in European and American linguistics: 1930-1960**. Utrecht: Spectrum, 1961.

- 
- GODEL, R. **Les sources manuscrites du Cours de linguistique générale de F. de Saussure**. Geneva: Droz, 1969.
- HENAULT, A. **Histoire de la sémiotique**. Paris: Presses Universitaires de France, 1992.
- JAKOBSON, R. La théorie saussurienne en retrospection. *In*: JAKOBSON, R. **Selected Writings VII**. Amsterdam: Mouton, 1987.
- JAUSS, H. R. **Pour une esthétique de la réception**. Paris: Gallimard, 1978.
- JOSEPH, J. E. Saussure's Meeting with Whitney, Berlin, 1879. **Cahiers Ferdinand de Saussure**, n. 42, p. 205-214, 1988.
- JOSEPH, J. E. Bloomfield's saussureanism. **Cahiers Ferdinand de Saussure**, n. 43, p. 43-53, 1989.
- KOERNER, K. **Bibliographia Saussureana: 1870-1970**. Metuchen: The scarecrow Press, 1972a.
- KOERNER, K. **Contribution au débat post-saussurien sur le signe linguistique**. Haia: Mouton, 1972b.
- KOERNER, K. **Origin and Development of the Linguistic Thought in Western Studies of Language: A contribution to the History of Linguistics**. Braunschweig: Friedrich Viewieg & Sohn, Pergamon Press, 1973.
- KOERNER, K. Leonard Bloomfield and the Cours de linguistique générale. **Cahiers Ferdinand de Saussure**, n. 43, p. 55-63, 1989.
- KOERNER, K. (1990). F. de Saussure and the question of his linguistics theory. *In*: LIVER, R.; WERLEN, I.; WUNDERLI, P. **Sprachtheorie und Theorie der Sprachwissenschaft: Geschichte und Perspektiven**. Festschrift für Rudolf Engler zum 60. Geburtstag. Tübingen: Gunter Narr Verlag, 1990.
- LEGENDRE, P. **L'inestimable objet de la transmission**. Paris: Fayard, 1985.
- NERLICH, B. Le même et l'autre. Le problème de l'identité en linguistique chez Saussure et Wittgenstein. **Cahiers Ferdinand de Saussure**, n. 37, p. 13-34, 1983.
- NORA, P. (org.). **Les lieux de mémoire**, 7 vol. Paris: Gallimard, 1984-1993.
- NORMAND, C. (org.). Saussure et la linguistique pré-saussurienne, **Langages** 48, 1978a.
- NORMAND, C. *et al.* **Avant Saussure: choix de textes (1875-1924)**. Bruxelles: Éditions Complexe, 1978.
- OZOUF, M. Le passé recomposé, entretien. **Magazine littéraire** 307, p. 22-25, 1993.
- PAVEL, T. **Le mirage linguistique**. Paris: Minuit, 1988.
- PERCIVAL, W. K. The saussurean paradigm: fact or fantasy? **Semiotica**, n. 36, v. 1-2, p. 33-49,

1981.

POTTIER, B. **Les sciences du langage en France au XXe siècle**, t. 1 et 2, Paris: Selaf, 1980.

PROSDOCIMI, A. Sul Saussure délie légende germaniche. **Cahiers Ferdinand de Saussure**, n. 37, p. 35-106, 1983.

ROSEN, H. B. **Les lois synchroniques et les lois diachroniques dans le Cours de Saussure**. **Cahiers Ferdinand de Saussure**, n. 40, p. 91-103, 1986.

SANDERS C. (org.). **Le Cours de linguistique générale de Saussure**. Paris: Hachette, 1979.

SAUSSURE, F. de. **Cours de linguistique générale**: édition critique de T. de Mauro. Paris: Payot, 1974.

SAUSSURE, F. de. **Cours de linguistique générale**: Édition critique par Rudolf Engler. Wiesbaden: Harrassowitz, 1967-1974.

SCHLANGER, J. **L'invention intellectuelle**. Paris: Fayard, 1983.

SCHLANGER, J. **La mémoire des oeuvres**. Paris: Nathan, 1992.

SECHEHAYE A. **Programme et méthodes de la linguistique théorique**. Paris: Alcan, 1908.

SECHEHAYE A. Les problèmes de la langue à la lumière d'une théorie nouvelle. **Revue philosophique**, t. 84, p. 1-30, jul.-dez. 1917.

SECHEHAYE, A. L'école généroise de linguistique générale. **Indogermanische Forschungen**, Berlin, n. 44, p. 217-41, 1927.

SECHEHAYE A. Les trois linguistiques saussuriennes. **Vox Romanica**, v. 5, p. 1-48, 1940.

STAROBINSKI J. **Les mots sous les mots**. Paris: Gallimard, 1971.

STAROBINSKI J. Préface. In: JAUSS, H. R. **Pour une esthétique de la réception**. Paris: Gallimard, 1978.

ČUDAKOVA, M. O.; TODDES, E. A.; DEPRETTO-GENTY, C. La première traduction russe du Cours de linguistique générale de F. de Saussure et l'activité du Cercle linguistique de Moscou (Matériaux pour l'étude de la diffusion d'un livre scientifique dans les années 1920). **Cahiers Ferdinand de Saussure**, n. 36, p. 63-91, 1982.

TOGEBY K. **Le développement de la linguistique moderne, comparé à celui des belles-lettres**. Bulletin du Cercle linguistique de Copenhague (1941-1965). Copenhague: Akademisk Forlag, 1971.

WINKIN, Y. **Erving Goffman**: portrait du sociologue en jeune homme. In: GOFFMAN, E. Les moments et leurs hommes. Paris: Seuil/Minuit, 1988.

WUNDERLI P. Problèmes et résultats de la recherche saussurienne. **Cahiers Ferdinand de Saussure**, n. 36, p. 119-137, 1982.